



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

EUTERPE [IN] CANTOS PARISIENSES, PAULISTANOS E CARIOCAS

Suely de Souza Silva

Mestranda em Literatura e Diversidade
Cultural pela Universidade Estadual de
Feira de Santana, e-mail:
suelysouzasilva@hotmail.com

“Nas grandes cidades qualquer moço de recados conhece o valor do tempo e nenhum ardina quer perder o seu tempo. E tudo o que há nisto de sonho, de pintura e de poesia! As pessoas passam com pressa e empurram-nos. Ora isto tem um significado, isto excita, isto põe o espírito em movimento vivo. Quando hesitamos por um momento já nos passaram cem, centenas de coisas pela cabeça e pelos olhos, e percebemos então nitidamente como somos vadios e madraços. Aqui todos têm pressa, porque todos pensam a cada momento que seria bom lutar por alguma coisa e consegui-la.” (Robert Walser).

Resumo: As cidades modernas que tiveram sua infra-estrutura modificada por conta dos avanços tecnológicos foram e são matéria-prima de produção de poetas e músicos da Modernidade. O objetivo desse texto configura-se na descrição e análise dos poemas “Le soleil”, de Charles Baudelaire; “Adolescer”, de Maria da Conceição Paranhos, e das letras de música: “Sous le ciel de Paris”, de Ives Montand; “Samba do avião”, de Tom Jobim; e “Sampa”, de Caetano Veloso, buscando nesse *corpus* as relações identitárias com o elemento novo, fazendo uma incursão pelas teorias, textos musicais e poéticos representantes da condição urbana da sociedade parisiense, paulistana e carioca. Os encantamentos e contradições são identificados no *corpus* a fim de descrever e discutir sobre os aspectos positivos e negativos da vida moderna, que tem no trabalho sua expressão maior de riqueza e progresso econômico, refletindo o mal-estar de Euterpe na pólis moderna. O que a poesia e a música poderiam representar no contexto citadino, levando em consideração que todo texto poético também é um discurso que fala de um lugar, de um conjunto de forças ideológicas e de aspectos que perpassam o afetivo e o psicológico, é também o objetivo desse trabalho. A análise do discurso poético propõe a descrição da cultura urbana, confrontando representação imaginária e a experiência real. A comparação entre esses discursos poéticos e musicais materializam o que se pode denominar de subjetividade coletiva representada no significante do fazer poético e resignificada por cada leitor ou

ouvinte que, no próprio ato interpretativo, apropriam-se do valor estético, transpondo também os seus numa interatividade dialógica, construtora da atualização da criação artística.

Palavras-chave: Modernidade. Identidade. Música. Poesia. Cidade.

Algumas cidades não poderiam deixar de maneira nenhuma de ser tessitura da lírica moderna. Sabiamente, Molière disse que “para as pessoas distintas, fora de Paris não há salvação”. Mesmo de forma arrogante, é sábia a afirmação, pois esta cidade conhecida mundialmente como a cidade “Luz” encantou poetas e músicos em todos os tempos. Contudo, nada se compara aos tempos modernos. Euterpe, a deusa da música e da poesia lírica, com sua flauta andarilha caminha em direção à poesia que canta a metrópole, a Paris, a cidade de São Paulo e a cidade maravilhosa, o Rio de Janeiro.

A maravilha de cenário agora é o presente das grandes cidades e seus emblemas marcantes. O poeta e o músico mais uma vez, na história da arte literária, consubstanciam-se para cantar a pólis moderna. Envolvidos pelo cotidiano apressado, a percepção se cristaliza em flashes instantâneos em que imagens fragmentárias são captadas e transformadas em poesia e música. Os temas são inesgotáveis e tratam desses instantes citadinos. A vida moderna requer essa percepção apurada que escorre pelas mãos e busca nas pinturas dos viadutos, das torres e do asfalto sua razão maior de existir.

Nas cidades modernas, a tecnologia, o desenvolvimento econômico e o progresso convivem com as artes numa relação de atração e repulsão. O tempo moderno devora o tempo do indivíduo, é o não-tempo contra o tempo do ser no universo do trabalho e da busca incessante pelo lucro e pelo acúmulo de riquezas. Onde está o tempo da poesia nessa conjuntura?

A música, devido ao seu caráter mais popular, massificado, acaba atingindo rapidamente um público maior e permite uma relação afetiva entre a cidade e o meio de expressão que eleva a vida na metrópole a uma condição poética. O poeta e músico modernos encontram sua matéria prima no cotidiano citadino seja numa relação de amor ou ódio e cantam as belezas e contradições da cidade. Charles Baudelaire, o precursor da poesia moderna, em seu poema o sol, ensina:

Le long du vieux faubourg, où pendent aux mesures
Les persiennes, abri des secrètes luxures,
Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés
Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés,
Je vais m'exercer seul à ma fantasque escrime,
Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,
Trébuchant sur les mots comme sur les pavés
Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.

Ce père nourricier, ennemi des chloroses,
Eveille dans les champs les vers comme les roses;
Il fait s'évaporer les soucis vers le ciel,
Et remplit les cerveaux et les ruches le miel.
C'est lui qui rajeunit les porteurs de béquilles
Et les rend gais et doux comme des jeunes filles,

Et commande aux moissons de croître et de mûrir
Dans le coeur immortel qui toujours veut fleurir!

Quand, ainsi qu'un poète, il descend dans les villes,
Il ennoblit le sort des choses les plus viles,
Et s'introduit en roi, sans bruit et sans valets,
Dans tous les hôpitaux et dans tous les palais.¹

no poema que a cidade apresenta esse conturbado espaço-tempo em que o poeta trabalha, o título do poema remete ao fazer poético, onisciente e onipresente nas instâncias do dia a dia. O trabalho árduo e solitário do poeta é comparado à metáfora do esgrimista no sentido de marcar “O duelo em que todo o artista se envolve e no qual ‘antes de ser vencido, solta um grito de terror’ está compreendido na moldura de um idílio; sua violência passa ao segundo plano, e permite a seu charme aparecer” (BENJAMIM, 1994, p.68)

O ato poético requer trabalho e dedicação, uma luta constante entre o criador e sua obra em que se misturam a estupefação do resultado da criação e a inquietação do fazer artístico em busca da perfeição, da estética provocadora capaz de imprimir no outro seu estado de elevação criadora.

Músicas e poesias encontram na cidade sua fonte de trabalho, em Paris, por exemplo, as músicas tratam do amor, da beleza da cidade, como em “*Sous le ciel de Paris*”,

Les compagnons de la chanson
Sous le ciel de Paris
S'envole une chanson
Hum Hum
Elle est née d'aujourd'hui
Dans le coeur d'un garçon
Sous le ciel de Paris
Marchent des amoureux
Hum Hum
Leur bonheur se construit
Sur un air fait pour eux
Sous le pont de Bercy
Un philosophe assis
Deux musiciens quelques badauds
Puis les gens par milliers
Sous le ciel de Paris

¹ Tradução do poema “Le soleil”: Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros/Persianas acobertam beijos sorrateiros,/Quando o impiedoso sol arroja seus punhais/Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,/Exercerei a sós a minha estranha esgrima,/Buscando em cada canto os acasos da rima,/Tropeçando em palavras como nas calçadas,/Topando imagens desde há muito já sonhadas./ Este pai generoso, avesso à tez morbosa/No campo acorda tanto o verme quanto a rosa;/Ele dissolve a inquietação no azul do céu,/E cada cérebro ou colmeia enche de mel./É ele quem remoça os que já não se movem/ E os torna doces e febris qual uma jovem,/Ordenando depois que amadureça a messe/ No eterno coração que sempre refloresce!/ Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,/Eis que redime até a coisa mais abjeta,/E adentra como rei, sem bulha ou serviçais./Quer os palácios, quer os tristes hospitais. (BAUDELAIRE, 1985, P.100)

Jusqu'au soir vont chanter²

É na cidade Luz que a arte encontra suas paixões e amores por meio da música. “Sous le ciel de Paris” [Sob o céu de Paris] os amantes se envolvem nas canções e poesias que tratam de amor e beleza. Os pontos da cidade são descritos como testemunhas desse estado de graça, é a felicidade plena em companhia da música cantada pela multidão. O prazer que a pólis causa em quem nela habita, como uma extensão de si mesmo, a cidade moderna com suas pontes e pontos mágicos permitem aos passantes um estado de deslumbramento e identificação com os labirintos e cantos da cidade.

A diversidade encontrada na cidade seja de trabalho ou cultura fez com que milhares de pessoas abandonassem suas casas no campo, pois: “A cidade é sempre tessitura, trama da experiência literária. Seja a cidade natal. Seja a cidade grande. Sempre em torno da cidade, o homem constrói sua vida pessoal e conseqüentemente sua obra literária. “(SILVA, 1994, p.8) A pólis moderna atrai ainda uma multidão desejosa de progresso material, artístico, político e cultural. Assim,

(...) é a partir de um certo momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma reorganização do seu espaço interno, mas também redefine todo o espaço circundante, atraindo para a cidade grandes populações.³ (ROLNIK, 1995, P.30)

Há aqueles que vão à busca de cultura, teatro, música, espetáculos de dança, bibliotecas e museus, mas há, na maioria dos casos, os que procuram trabalho e um meio de sobrevivência. Movidos pela cultura ou pelo trabalho, a diáspora urbana é característica do mundo moderno, o ir e vir, de trem, de ônibus, de carro ou de avião associado à saudade das belezas da cidade e de seus habitantes também são temas de letras de música, como podemos constatar em Samba do avião, transcrito abaixo:

[...] Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar
Praia sem fim
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão
Copacabana, Copacabana
Cristo Redentor

²Tradução da letra de música *Sous le ciel de Paris*, Sob o céu de Paris. Os companheiros da canção/ Sob o céu de Paris/lançam uma música/ Hum Hum/ Criada hoje/ No coração de um rapaz/ Sob o céu de Paris/ Caminham apaixonados/ Hum Hum/ Sua felicidade se constrói/ Numa atmosfera feita para eles/ Sob a ponte de Bercy/ Um filósofo sentado/Dois músicos alguns passantes/ Sob o céu de Paris/ Até anoitecer vão cantar.

³ **Idem**

Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto, vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
Pousar...⁴

O avião é o símbolo da modernidade. É a rapidez e a tecnologia de um meio de transporte que permite às pessoas conhecerem outras cidades de forma mais rápida. O valor afetivo estabelecido com a cidade pode ser visto nesta letra de música a partir de um vínculo identitário. As cidades grandes apesar de aglomerarem muitas etnias, acabam criando uma maneira de se comportar, de receber os visitantes e de conduzir sua economia.

Visitar o Rio de Janeiro é diferente de visitar São Paulo ou Nova York. O turista vai em busca de atividades de lazer ou de negócios. Existem cidades como Paris, por exemplo, que possuem um perfil mais voltado à arte, à produção artística e intelectual. A França e a Itália têm esse perfil de países próprios para quem está em lua de mel ou para os casais apaixonados. É possível, mas dificilmente veem-se recém-casados passando a lua de mel em Londres. Há um imaginário naquele que viaja, seja para os negócios, seja para o lazer.

A cidade maravilhosa, como é conhecida o Rio de Janeiro mundialmente, atrai pelas belezas naturais e pelos prédios antigos. A história constitui-se também como um elemento atrativo para o visitante. As descrições feitas por Tom Jobim em *Samba do avião* retratam bem essa relação de amor com a cidade quando cita pontos como a Guanabara, o Cristo Redentor, suas praias e montanhas. Em *Sous le ciel de Paris* também há essa descrição afetiva, visceral da cidade de Paris. Isso mostra que a relação entre o indivíduo e a cidade está além do aspecto material, atingindo o psicológico, o emocional não só de quem mora, mas de quem a visita também.

Esse vínculo está intimamente ligado ao aspecto identitário, mesmo com a não-identidade das grandes cidades; o imaginário citadino recria imagens a partir desses emblemas da pólis como uma forma de se reconhecer. Essa forma de se relacionar com o espaço não é de agora, mas:

Quando o homem das cavernas sentiu necessidade, muito antes de mim, de transformar sua casa em algo muito mais do que um abrigo, e pintou nas paredes as coisas de que gostava, ele trouxe a arte ao mundo. O impulso de dar ao seu lugar uma identidade pessoal não é apenas uma motivação para a auto-expressão individual e coletiva. Identidade não é só aquilo que o homem quer dar ao seu habitat. Ela é também o que seu habitat oferece ao homem.⁵ (ECKARDT, 1975, P.36)

Existe um eu em busca desse local acolhedor, protetor, tendendo para o aspecto tradicional das relações humanas, como uma família tradicional em contraste com o que a cidade lhe oferece: o risco. A crise que não é apenas das cidades se estende ao eu e à

5 JOBIM, TOM. Samba do avião. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/49065/...> Acesso em: 05 julho 2009.

⁵ Idem.

sociedade. O desencontro conflitante com essa nova estrutura política, econômica, social e cultural levou esse indivíduo a entrar em crise, de maneira que ele projeta seus anseios, seu imaginário de acordo com os desejos mais recônditos. Existem várias cidades dentro da cidade. Quantas Paris podem ser descritas na música e na poesia? Essa projeção acontece a partir do olhar de cada indivíduo. A percepção e a recepção da vida na cidade diferem de cada habitante. Para tanto:

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais.⁶ (GIDDENS, 2002, P.38)

Esse desequilíbrio em função da perda da proteção familiar, dos laços afetivos expande a um contexto citadino no sentido de a própria cidade ofertar a competição esmagadora, a luta de classes, a exploração da mão de obra assalariada, as grandes filas e a falta de planejamento e organização urbana. A arte de certa forma atua como uma válvula de escape para essas inquietações humanas representadas por ansiedades, angústias, fobias sociais e depressão. A sociedade moderna com toda a sua complexidade tem gerado indivíduos depressivos e viciados em entorpecentes. Por isso, o ponto de vista é mutável, e a cidade com seus vários pontos é matéria para a poesia e música. Não cabe aqui julgar os pontos de vista, mas descrevê-los e interpretá-los.

A presença da poesia na cidade, ou melhor, que canta a cidade, é uma forma de filtrar e selecionar o que pode servir de matéria prima para a tessitura poética. O poeta e músico modernos são esses seres que:

[...] encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heróico. Com isso, no tipo ilustre do poeta aparece a cópia de um tipo vulgar. Trespagam-no os traços do trapeiro que ocupou a Baudelaire tão assiduamente. Um ano antes de o Vinho dos Trapeiros apareceu uma descrição em prosa dessa figura: ‘Aqui temos um homem – ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis’.⁷ (BENJAMIN, 1994, P.78)

Analisando-se essa citação, pode-se constatar que o poeta/ músico busca na “crise” identitária, econômica e social sua expressão poética maior, visto que essa experiência poética com a cidade possibilita ao poeta o convívio com as contradições, a resistência da poesia face à nova ordem cultural: a produção de riquezas amplia o campo temático e redimensiona o fazer poético antes visto como dependente da ação das musas sobre o processo criador baseado na inspiração, mas agora é o resultado do trabalho árduo.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

O belo e o feio convivem na metrópole, seja em Paris, no Rio de Janeiro ou em São Paulo. As cidades vão adquirindo um perfil que atrai ou repulsa o cidadão, como vemos em *Sampa* de Caetano Veloso,

Que Alguma coisa acontece no meu coração
só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Ainda não havia para mim Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes

E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vende outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os novos baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa⁸ (VELOSO, 2009)

Nessa canção, o poeta/ músico começa narrando um instante vivido também na condição de flâneur ao cruzar a Ipiranga e a Avenida São João, o artista sente um estranhamento, algo surpreendente o acomete. São percepções antagônicas de uma cidade que não condizia com sua cidade natal. A paisagem era estranha e não mantinha uma relação de identidade com o artista, que aos poucos vai se acomodando à nova realidade. As impressões cidadinas são racionalizadas quando perpassam pelo coração, órgão responsável pelo emocional; as emoções são filtradas pela razão, de maneira que a reação negativa frente ao novo, ao moderno, ao momento presente é revelada sem idealismo, como mostra a passagem “Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas...”. Em meio ao turbilhão, surge o poeta com o seu canto. Berman em seu ensaio elucida essa passagem:

⁸ *Idem.*

O homem na rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos- frequentemente recursos que ignorava possuir- e forçado a explorá-los de maneira desesperada, a fim de sobreviver. Para atravessar o caos, ele precisa estar em sintonia, precisa adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas e irregulares- e não apenas com as pernas e o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade. ⁹(BERMAN, 1986, P.154)

Aqueles que não conseguiram adaptar-se à nova engrenagem econômica mantiveram-se na condição de oprimido, empobrecido pelo sistema capitalista. O poder do capital é bivalente e atua na ascensão e derrocada do indivíduo. Foi preciso a esse homem ou mulher aprender a mover-se na cidade, andar nesse labirinto de mistérios e caos. O artista também teve de adaptar-se, tarefa não muito fácil, porém neste tráfego intenso de experiências urbanas o poeta sem halo redescobre a poesia dos subterrâneos, dos ambientes vis e caóticos. Assim se tem um autêntico poeta, pois sua poesia floresce do caos do cotidiano da vida urbana, segundo Baudelaire. A conciliação pode ser vista em Sampa no último verso “*E os novos baianos te podem curtir numa boa*”, uma alusão ao grupo musical novos baianos formado por Pepeu Gomes, Baby Consuelo, Paulinho Boca de Cantor e Moraes Moreira, recém-chegados a São Paulo.

O poeta e o músico se encontram entre o encantamento e o choque. O que mostra *Sob o céu de Paris, Samba do avião e Sampa* senão esse ponto de vista associado ao afetivo, ao psicológico e ao emocional? É a relativização desse estar na cidade, uma procura incessante pelo prazer, mesmo que seja através da dor. A poetisa Maria da Conceição Paranhos, em seu poema Adolescer: A Metrópole, assim descreve esse instante:

[...]

A cidade. A grande cidade.

O prazer das ruas, o cheiro do mar
penetrando na pele, soltos os cabelos,
a ele mais morena, o corpo mais redondo,
suave, itinerando.

Sem roteiros, andar pela cidade,
Convivendo com seus cantos e ruelas-
Cada lugar inscrito no seu corpo,
Enquanto ocorre o espetáculo:
As amplas avenidas e a busca
Da cidade como agulha no palheiro.

Como estancar esse andar de peregrino,
Confundir-se com todos, ser igual?
Mas sendo igual. É tão diverso¹⁰. (PARANHOS, 1996, P.19)

nesse fragmento do poema, o estado de encantamento do eu-lírico é evidente. As reflexões sobre a diversidade demonstram que definir é um terreno perigoso neste

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

contexto, pois o tempo é efêmero e se transmuta rapidamente. A vida moderna se configura no antagonismo das experiências cotidianas, entre o igual e o diverso, o belo e o feio, o singular e o plural, o ser e o não-ser, a identidade e a não-identidade. Nessa dialética:

A metrópole moderna fundamenta uma nova mitologia, onde as construções assumem 'o papel do subconsciente'. Os primeiros monumentos da Revolução Industrial – construções em ferro, como as estações ferroviárias e os pavilhões de exposições, ou as passagens como precursoras das lojas de departamento – repercutem fortemente no imaginário coletivo.¹¹ (BOLLE, 2000, P.65)

Desta forma, a poesia e a música, representadas pela musa Euterpe, segundo a mitologia grega, já não inspira poetas e músicos, mas alia-se à multidão e ao labor poético, conforme Baudelaire revela na poesia *O Sol*, sendo o trabalho um processo exaustivo e de muita disciplina. Assim, o mito da cidade acolhe aqueles que caminham no ritmo da engrenagem e expulsa aqueles que, como Euterpe, não encontraram na metrópole o acolhimento necessário para se inspirar no alto das montanhas, dos morros; Euterpe agora é uma trabalhadora, uma operária da criação poética e musical (in) cantos modernos.

Assim, todo o percurso feito por Euterpe atravessando o Tempo e suas mudanças, sem dúvida, permitiu outros olhares e perspectivas que não possibilitam, ou melhor, não conduzem mais o fazer poético ou musical a partir de estruturas fixas, imutáveis e fechadas. A arte não precisa mais estar nos altos das montanhas, dos parnasos; ela está onde há esse artista esgrimista, esse recolhedor de detritos, criando de vários pontos da geografia citadina. São inúmeros os cantos possíveis de criação e neles Euterpe como uma passante baudeleriana também caminha depressa pelos cantos da metrópole.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- ECKARDT, Wolf Von. **A crise das cidades: Um lugar para viver**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.
- JOBIM, Tom. **Samba do avião**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/49065/>...Acesso em: 05 julho 2009.

¹¹Idem.

MONTAND, Ives. **Sous le ciel de Paris.** Disponível em: <http://vids.myspace.com/index.cfm?fuseaction=vids.individual&videoid=8675908...> Acesso em 06 julho 2009.

PARANHOS, Maria da Conceição. **As esporas do Tempo.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

VELOSO, Caetano. **Sampa.** Disponível em : <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/...> Acesso em: 06 julho 2009.